

Um certo Capitão Hermilo: retratos da decadência dos engenhos no romance hermiliano¹

Josimere Maria da Silva¹ (UEPB)

...

Resumo:

Este trabalho se propõe a uma discussão acerca do Regionalismo Nordestino enquanto tendência literária figurada na década de 1930, cujo ciclo temático volta-se para questões como a decadência dos engenhos de cana-de-açúcar e as consequências de tal evento ante o cenário político-econômico-cultural dessa região. Porém, não é nas obras de José Lins do Rego ou Graciliano Ramos que buscaremos elementos para nossa discussão, embora estes sejam tomados como exemplo em alguns momentos. É Hermilo Borba Filho, pernambucano de Palmares, que nos deixa um romance escrito na década de 1960, trinta anos depois do movimento regionalista, e na qual nos apresenta o Capitão Hermilo, talvez produto final da decadência dos engenhos. É através dessa personagem que pretendemos pensar a nossa discussão. Ele que viveu o apogeu e a crise, aparece como representante de tantos outros senhores de engenho que estiveram às vistas de um grande golpe responsável, acima de tudo, por uma grande transformação no cenário brasileiro.

Palavras-chave: regionalismo nordestino, romance regionalista, Margem das lembranças, Hermilo Borba Filho.

1 Introdução

Iniciemos com um esclarecimento quanto à nossa escolha por pensar o regionalismo nordestino de 30 a partir de uma obra escrita três décadas depois. A obra **Margem das lembranças** consta da primeira de uma tetralogia denominada **O cavaleiro da segunda decadência**, escrita por Hermilo Borba Filho entre 1966 e 1972 cujos outros três títulos são A porteira do mundo, O cavalo da noite e Deus no pasto. Nesse romance, porém, o narrador reconstitui sua juventude, situada na década de 1930. Assim, enquanto José Lins do Rego criava seus personagens decadentes, o Capitão Hermilo, pai do narrador, figurava como um senhor de engenho falido em busca de saídas para sobreviver “os tempos das vacas magras”, possível modelo de inspiração para os escritores de então. Defesa esta justificada no fato esclarecido pelo próprio Borba Filho de que se trata de um romance em que se conta sua própria história, não se preocupando sequer em dar ao narrador e personagem principal um nome diferente do seu.

O Hermilo romancista costuma ser caracterizado por abarcar de forma muito densa a cultura de sua região. Sua literatura estaria num limiar entre o regionalismo crítico de 30 com seu apego ao social, e uma literatura que beira o individual, caminho que, segundo Márcio Souza em prefácio à segunda edição de Margem das lembranças, “não teve continuidade, ganhando a ideologização até esgarçar-se completamente...”. De qualquer forma, no romance analisado, temos acesso a tipos e costumes representativos da cultura nordestina através da prosa sem rodeios de Borba Filho. O Capitão Hermilo, decadente mas sóbrio, surge timidamente na narrativa apresentando-se – ou sendo apresentado pelo narrador – como uma imagem de homem sensato, retiradas as libidinagens, capaz de compreender com tranquilidade, por exemplo, a prisão do filho na Revolução de 30, justificando que ser preso “por pensar diferente” não constituiria motivo de vergonha (BORBA FILHO, 1993,

¹ Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba – Mestrado em Literatura e Interculturalidade – como requisito para avaliação final da disciplina Literatura Interregional do Brasil, sob direcionamento do Professor Doutor Diógenes Maciel.

p.220); capaz de enfrentar com serenidade a perda total de suas terras e longo período de quase miséria, até conseguir um emprego comprado por amigos, no cartório civil de Palmares, e voltar a ter mesa farta.

É esse Capitão decadente e honesto, em contraponto aos personagens enlouquecidos diante da perda, recorrentes nos romances de 30 voltados à temática, que por ora nos interessa. Tentaremos perceber como o Capitão Hermilo encara a falência e como seu comportamento diante de tal fato pode nos ajudar a pensar o cenário inspirador de toda discussão acerca do regionalismo nordestino de 30.

2 Crítica e defesa ao regionalismo

A grande crítica de Antônio Candido ao que ele chama “regionalismo pitoresco” dá-se pelo fato, segundo sua perspectiva, de as obras aí produzidas fecharem-se em uma realidade local determinada por “uma fase de consciência eufórica de país novo” e por isso resultarem em obras menores – uma sublitteratura – a exemplo do “ ‘sertanejismo’ brasileiro do início do século XX”. (CANDIDO, 1989, p. 159). Porém, o autor destaca essa “fase” como muito importante no sentido de que só partir desse momento se começa a estabelecer uma segunda fase – a de pré-consciência do subdesenvolvimento – na qual se percebe que o foco começa a ser deslocado do pitoresco para o real, voltando-se muito mais para as condições sociais e humanas do homem. Denominada “regionalismo problemático”, esta fase de nossa literatura teria alguns aspectos positivos, entre eles a “desmistificação da realidade americana”. Caso de José Lins do Rego e outros que, para Candido, criam romances em que, embora ainda com resquícios do pitoresco, o social aparece associado ao regional. Fórmula através da qual esses escritores [...] desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não de seu destino individual.” (CANDIDO, 1989, p. 159) , e também através da qual o regionalismo alcançaria o mérito de receber o prefixo *super* – hora em que o pitoresco cede a vez ao “refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade.” (CANDIDO, 1989, p. 160). Esse “novo regionalismo”, o superregionalismo, constitui uma fase de amadurecimento em que o sentimentalismo é substituído por temáticas de cunho social.

Atingida essa terceira fase, a literatura regional nordestina contaria com nomes como José Lins do Rego e Graciliano Ramos em obras responsáveis por universalizar o regional sem, contudo, ignorar suas peculiaridades. Mas Candido defende que, se a produção literária dessa terceira fase ainda carrega alguns “ingredientes regionais”, esse fato se deve simplesmente ao subdesenvolvimento e arrola, inevitavelmente, as “condições dramáticas peculiares a ele” (CANDIDO, 1989, p. 161). Assim, o escritor do regionalismo nordestino não teria como deixar de abordar a questão da decadência dos engenhos sendo este um fato real a modificar a paisagem social e econômica do espaço em que vivia. Porém, o diferencial da fase superregionalista estaria em tratar tal evento no plano da narrativa, não como o lastimável destino do homem nordestino, mas como uma maneira de possibilitar uma reflexão, por exemplo, acerca das consequências da decadência econômica de uma região em detrimento de outra e o que isso acarreta à vida das pessoas que passavam por tais transformações.

Ao falar de *Fogo morto* como “um romance de planos, no sentido geométrico” (CANDIDO, 2004, p.57), em que se entrecruzam e se sobrepõem as personagens, o autor arremata:

Fogo Morto é um romance de personagens. Falar dele é falar destes. A força dramática e a intensidade do estilo de José Lins do Rego são de natureza a tornar os personagens tipos e símbolos, sem que com isso percam coisa alguma da sua vida palpitante, da sua extraordinária humanidade. (CANDIDO, 2004, p. 62)

É este aspecto regionalista, apontado aqui por Candido, o argumento comumente usado pela crítica para enaltecer tal produção: a criação de personagens tipos-humanos, presentes na melhor fase de Lins do Rego e dos que o acompanharam na criação de grandes obras transformaram o regionalismo nordestino de 30 numa produção literária de caráter universal. Personagens que, embora personagens, palpitam no plano da narrativa e, de alguma maneira estabelecem relações com o homem, especialmente o nordestino, em toda sua complexidade.

3 Imagens da decadência

Diante de um cenário em que o engenho é irremediavelmente devorado pela usina, a figura do senhor de engenho se impõe em grande parte dos romances regionalistas que abordam a temática da decadência econômica do Nordeste. Símbolo do poder, o dono do engenho se impõe como chefe e como figura patriarcal. É ele quem dita as regras sem admitir contestação. Assim como não admite a perda de seu poderio, não compreende a decadência e suas consequências porque tomado por um conservadorismo que o impede de procurar saídas para a crise inevitável diante do cenário em que se encontra.

Segundo Abdala Júnior, a exemplo de Lula de Holanda, o coronel de Fogo Morto, os senhor decadente se apega a “seu *status* familiar” (2003, p.171) numa tentativa de resistir ao choque e sobreviver no caos². Ali, no recôndito familiar, somente ali, o senhor de engenho continuaria a ser respeitado como tal, embora por mera imposição cabível em seu papel de chefe de família. No caso do Capitão Hermilo, além do *status* familiar, ele se apega também às libidinagens, até que a velhice o imponha uma pausa.

Nos tempos áureos, o imponente Capitão Hermilo costumava sair arrumado e perfumado em seu cavalo alazão, voltando somente dias depois da casa da amante do momento e arrumando uma confusão, facilmente resolvida, com Mãe Néa, que contava com a ajuda de Agar, a negra que comandava todas as outras nos serviços domésticos, “na caça às mulheres do Capitão” (BORBA FILHO, 1993, p.37). Mas ele precisava disso para manter-se Capitão, para não perder sua identidade e poder, se orgulhava de sua machidão que, segundo o filho, “era uma herança imperecível” ((BORBA FILHO, 1993, p.114).

A respeito do Coronel Lula de Holanda, aponta Abdala Júnior:

[...] procura resistir à decadência, enquanto pode, através de símbolos da sociedade escravista. São *habitus* exteriores que disfarçam mal a desagregação interna de um modo de produção ultrapassado. Nas joias, nas vestimentas e na arrogância, ataca a realidade adversa com os olhos do passado. Quando não pode mais, refugia-se nas rezas. Como evocação desse status senhorial, circula pela estrada do pilar o cabriolé que tem percurso previsível: do engenho à igreja e da igreja ao engenho. Lula nada vê, sequer conduz a charrete. Parece estático, a realidade circundante esfumaça-se para ele. (ABDALA JÚNIOR, 2003, p.173)

Com a chegada da crise, o autoritarismo Capitão Hermilo sede lugar a uma vida discreta e sem ostentações. É sob a ótica do filho que podemos perceber alguns resquícios do seu poder de outrora. Referindo-se ao momento em que chega em casa, devendo explicações ao pai acerca de suas atitudes na farmácia onde trabalhava, o garoto relata:

Quando cheguei em casa, o Capitão estava à minha espera de cara fechada. Tentei passar sem ser visto, querendo ganhar tempo, adiar a explicação, mas *ele me chamou com a mesma voz autoritária com que nos áureos tempos chamava os subordinados*. (grifo nosso)

² Grifo nosso

São os velhos tempos dos engenhos que se foram, os tempos áureos de fartura que deram lugar à refeição minguada: “[...] sentei-me à mesa esperando a magra refeição que, servida, foi engolida por nós três sem mais uma palavra, cada um ruminando seus próprios pensamentos.”, diz o narrador, como se cada um, mãe, pai e filho, ruminasse sua condição diante desses tempos em que mesa farta era coisa do passado.

O regionalismo surge com o processo de urbanização no Brasil. Assim, ao advento das usinas é pertinente pensar a tensão campo x cidade no regionalismo. Espaço para onde os senhores de engenho mandavam seus filhos para estudar, a cidade era um lugar distante da vida tranquila e rústica das propriedades rurais. Estas estão retratadas em muitas obras do regionalismo de 30, através de costumes ou manifestações aí presentes, como forma de reforçar a existência “de um Brasil rural e arcaico, concebido como o Brasil autêntico, contrapondo à imagem de um Brasil urbano, degradado pelas novas relações de capital.” (FARIAS, 2006, p. 34). O senhor de engenho surge como o principal interessado em cultivar esse espaço rural, visto que descaracterizá-lo seria perder sua própria identidade. Tanto, que quando vê sua vida em desarmonia, entra em um estado que beira a loucura.

O Capitão Hermilo, no entanto, parecia sempre sereno diante das transformações pelas quais passava. A revolução de 30, por exemplo, parece representar um grande problema para o filho Hermilo. Este envolve-se com o movimento, protesta, é preso, torturado. Jamais ficaria inerte num momento em que uma ordem burguesa estava a ameaçar o poder oligárquico. Enquanto o pai sequer demonstra inconformismo diante a prisão do Filho. O Capitão, certo dia, apadrinhado que era pelos seus amigos da cidade, aparece com largo sorriso para dar ao filho a grandiosa notícia de que fora nomeado chefe do Cartório do Registro Civil no povoado de Palmares, após a morte de Firmo, de quem herdaria a função. Chegariam agora os tempos de mesa farta. Dirigir o cartório “[...] cuja posse fora comprada à família do Firmo pelos últimos amigos do Capitão.”, representava deixar para trás longo período de quase miséria na mesa e na vida da família, desde que o Capitão perdera “seus últimos haveres atrás da conversa de políticos” (BORBA FILHO, 1993, p.128).

A decadência rendeu ao Capitão e sua família muito mais que perdas materiais. Em sua pior crise, viu seu filho Jonas sair mundo afora à procura de trabalho e voltando somente muito tempo depois, morto, para desespero de todos. A morte do irmão, leva Borba a relembrar a infância na casa-grande: “Paramos a uma boa distância, apeei-me e fiquei olhando para a casa-grande. Ali Jonas passara uma grande parte da sua meninice [...] pela manhã montando a cavalo para ir à escola em Palmares”. (BORBA FILHO, 1993, p.150).

O espaço da casa grande passa a ser apenas uma recordação não mais realizável para a família. Se “a morte [de Jonas] tinha a capacidade de mudar a aparência das coisas que continuavam vivas” (BORBA FILHO, 1993, 151), a decadência do engenho contribuía de forma devastadora com a mudança dos rumos da família, afinal, o Capitão imponente passara a chefe de cartório. O símbolo maior do poderio do senhor Capitão aparece agora como algo distante, a casa-grande passa a ser o cenário dos bons tempos idos, faz parte apenas de um passado bom ao qual não mais se terá acesso.

Mas o senhor de engenho de **Margem das lembranças** aparece sempre sereno diante da perda. Ser nomeado chefe do cartório de Palmares parece-lhe uma boa saída para a crise. Nem o descontentamento nem a loucura comuns a outros coronéis perdedores parecem lhe afetar, ao contrário do seu filho, que apenas esboça uma falsa alegria quando recebe dele a grande notícia – não poderia jamais desapontar o pai. Mas, a partir daí, Borba envolve-se com a política, começa a discutir O Manifesto Comunista, revolta-se contra os pequenos burgueses, luta, protesta, é preso e torturado.

Mas, nem a prisão do filho tira o Capitão de sua tenra tranquilidade. “Que é isso, Néa? Cadeia foi feita pra homem.”, diz em consolo à esposa. E completa sereno: “Ser preso como ladrão é uma desonra, mas por outro motivo, não. Até por morte de sangue se pode ser preso sem perda da honra, quanto mais por pensar diferente.” (BORBA FILHO, 1993, p.203). Indiferente às consequências da

prisão na vida do filho, o Capitão Hermilo mantém-se em sua parcimônia, sereno. Não sabe que também ele e Mãe Néa, assim como a casa-grande, figurarão na vida do filho como lembranças boas e passadas de um tempo-espaço que perderá o sentido para aquele filho que absorve da prisão e de todas as torturas que ali sofreu, a sensação de que Palmares não mais lhe cabe. De dentro de uma cela, revê tudo de muito longe, quase num devaneio “num engenho perdido no fundo da infância”, para onde ele volta depois de liberto, mas onde não mais encontra sentido algum e decide partir de vez para a cidade grande.

Em toda a narrativa hermiliana, como se vê, o senhor de engenho, representado pela imagem do pai do narrador, já aparece como uma figura vencida. Ao que parece, a Revolução de 30 que “[...] teve um sentido concreto de preparar a instauração de uma ordem burguesa na sociedade brasileira [...]” (FARIAS, 2006, p. 34), mudaria para sempre os rumos daquela cidadezinha interiorana surgida em torno da cultura da cana-de-açúcar.

Aliás, a luta dos regionalistas inseridos no regionalismo tradicional consistia em conservar o tradicionalismo das oligarquias rurais em detrimento dessa “ordem burguesa” que chegava ameaçando o poder dos ricos senhores, donos de imensas extensões de terras em torno dos engenhos. Essa mesma luta torna-se fonte primeira das críticas que apontam grande parte das obras aí produzidas como presas meramente ao pitoresco e ao telúrico, numa expressão amena da “cor local”.

Um aspecto a ser considerado em alguns romances regionalistas e apontado por José Aderaldo Castello é o memorialista, comumente requisitado por José Lins do Rego e Graciliano Ramos em suas prosas, abstraídas de suas experiências vividas nos engenhos. Seria a memória para esses regionalistas “fonte de criação artística ou mais precisamente da recriação literária através do romance” (CASTELLO, data, p.185). É através da memória e das personagens que criam que esses escritores encontram uma maneira de se dizer. Continua o autor:

Assim, uma criação memorialista e primitivista – de acordo com a orientação regionalista aceita –, do ponto de vista da memória e particularmente do humano, converge para demonstrar, em termos de depoimento pessoal, a decadência do patriarcado rural da zona açucareira do Nordeste e para fixar o triunfo, sobre tal derrocada, da industrialização do açúcar sob processos mecânicos avançados, com a usina, devoradora de engenhos [...](CASTELLO, 2006, p. 186).

Considerando-se seu papel no romance regionalista, a memória, ao mesmo tempo em que protesta a decadência, também põe em questão “as tradições e os valores morais”, sujeitos a serem ignorados diante das transformações irrefreáveis trazidas com o processo de industrialização.

A narrativa hermiliana parece tomar a memória como força-motriz na tarefa de reconstruir a história de vida do narrador. A obra apresenta a recriação de espaços e costumes concernentes à sua infância e juventude, numa contribuição memorialística não só de sua história, mas da de uma coletividade.

Conclusão

O romance hermiliano traz em si diversos aspectos da cultura e do cenário nordestinos. Assim, poderíamos atribuir-lhe um caráter regionalista, numa acepção mais ampla do termo. Embora não se afine a uma perspectiva tradicionalista de regionalismo, considerando o momento de produção e também a abordagem temática, a obra não deixa de apresentar situações que nos permitam pensar o regionalismo enquanto tendência literária.

A presença do Capitão Hermilo, figura representativa do senhor de engenho decadente, embora apareça num segundo ou talvez terceiro plano em Margem das lembranças, pode nos sugerir modos de encarar a falência dos engenhos. Esperto, ele tratou de manter contatos com amigos da cidade. Amizades estas que lhe renderam um emprego e a garantia de mesa farta depois

de tantos momentos de “refeição magra”.

A narrativa de Hermilo Borba Filho no romance analisado se coloca ao leitor como um produto que expõe não apenas suas memórias mais íntimas, como também os aspectos sociais de uma sociedade em transformações sérias. Da queda das oligarquias à Revolução de 30, das primeiras experiências sexuais ao inferno da prisão, das leituras de Rabelais nas tardes de domingo com os amigos às discussões sobre O Manifesto, cada vivência se apresenta na narrativa como determinante na vida daquele jovem e dos que o rodeavam.

Assim, se podemos perceber algo na obra hermilianiana que possa ser associado à ideia de regionalismo, isso seria menos a presença de um senhor de engenho falido e, sim, todo o cenário sócio-político no qual esse certo capitão figurava entre tantos outros. Seria em maior grau, não a mesa minguada da família do narrador, mas o que isso representaria no tocante à degradação humana frente às transformações sociais trazidas pelo processo de industrialização frente às oligarquias rurais. O conservadorismo do Capitão, o refúgio no *status* familiar, as libidinagens, podem bem, por que não, simbolizar a tentativa de sobrevivência no caos da mudança que fugia ao controle de todos.

A memória aparece como aliada, a “ruminação” do passado como tentativa de compreensão do presente, a imagem da casa-grande como espaço ideal não mais possível. A narrativa, pois, surge como o espaço em que tudo isso pode ser reconstituído e pensado. De longe, o narrador revê e apresenta sob seu foco as consequências das transformações.

Referências Bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **De voos e ilhas: literatura e comunitarismo**. Cotia, SP: Ateliê, 2003.

BORBA FILHO, Hermilo. **Margem das lembranças**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, , 1989.
Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

_____. **Brigada Ligeira**. 3.ed. revista. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CASTELLO, José Aderaldo. **Memória, primitivismo e regionalismo**. In: COUTINHO, Eduardo F; CASTRO, Ângela Bezerra de. José Lins do Rego: Coleção Fortuna Crítica. Vol. 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; João Pessoa: FUNESC, 1991.

FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. **O sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna: espaço regional, messianismo e cangaço**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

iAutor(es)

Josimere Maria SILVA, Mestranda pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - PPGLI
josi_maria27@hotmail.com . Bolsista Cnpq.